# QUANTA HISTÓRIA CABE AQUI.

*resumo*

Esta pesquisa, através dos métodos da História de Vida e da Cartografia Afetiva, constrói uma história outra do bairro da Penha, no subúrbio do Rio de Janeiro. Partindo das narrativas de moradores, ex-moradores e frequentadores da Penha é possível um vislumbre da riqueza cultural do bairro. Em um campo mais amplo, o trabalho demonstra o valor da memória e do afeto para a manutenção dos espaços públicos e para a política de conservação e patrimônio da cidade.

Palavras-chave: Afeto. Memória. Cartografia Afetiva. História de Vida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
TFG I - 2020.1
Plano Conceitual

*agradecimentos*

Às pessoas da minha vida. As que conheci nessa e em outras jornadas, as que lutaram e lutam junto comigo, as que eu admiro e me espelho e também as que nunca conheci e talvez nunca conheça, mas sei que existem e resistem todos os dias. Aos que vieram antes de nós e nos fizeram estar aqui e também aos que ainda virão e farão a diferença.

À Angelina e Gilberto, por serem os melhores avós que podem ser. Que sorte eu tenho de poder viver no mesmo tempo que vocês.

À Tuanni e Cenira, por me ensinarem amizade e família desde o princípio da vida. Vocês são as mulheres mais fortes que já conheci.

Ao Cláudio, por ter sido o professor que renovou a minha crença na arquitetura e por me apresentar a melhor orientadora que poderia ter.

À Letícia, que topou essa empreitada comigo, que foi conforto nos momentos em que eu mesma me cobrei demais e que me deu segurança durante todo o processo. A sua calma, compreensão e clareza me mantiveram forte.

Às minhas amigas, Amanda, Mariana e Valentina; que são as mulheres que me fortalecem me ensinam, acolhem e incentivam todos os dias. Eu sou porque vocês são.

Ao meu irmão, Lucas, por estar comigo nos piores e melhores momentos dessa vida. Saber que você existe tranquliza meu coração.

Ao Erick, por ter acompanhado cada uma das etapas. Por ter enxugado algumas lágrimas e dividido muitos sorrisos. Por me fazer viver algo tão lindo. Por segurar a barra quando eu não conseguia. Por estar ao meu lado todos os dias.

Aos meus pais, por terem feito tudo o que podiam para que hoje eu estivesse aqui. Por terem me ensinado sobre o amor incondicional. Por terem batalhado dia após dia pra que eu pudesse ter uma formação acadêmica.

Aqui está o fruto de todo esforço de vocês.

Quanta história cabe
em um parque,
em uma igreja.

Quanta história cabe
em um morro.

Quanta história cabe
em uma esquina,
em uma rua,
em um bairro.

Quanta história cabe numa vida.
Quanta história cabe numa cidade?

O QUE
POR QUE

METODOLOGIA
REFERÊNCIAS

ONDE
UM POUCO DA PENHA

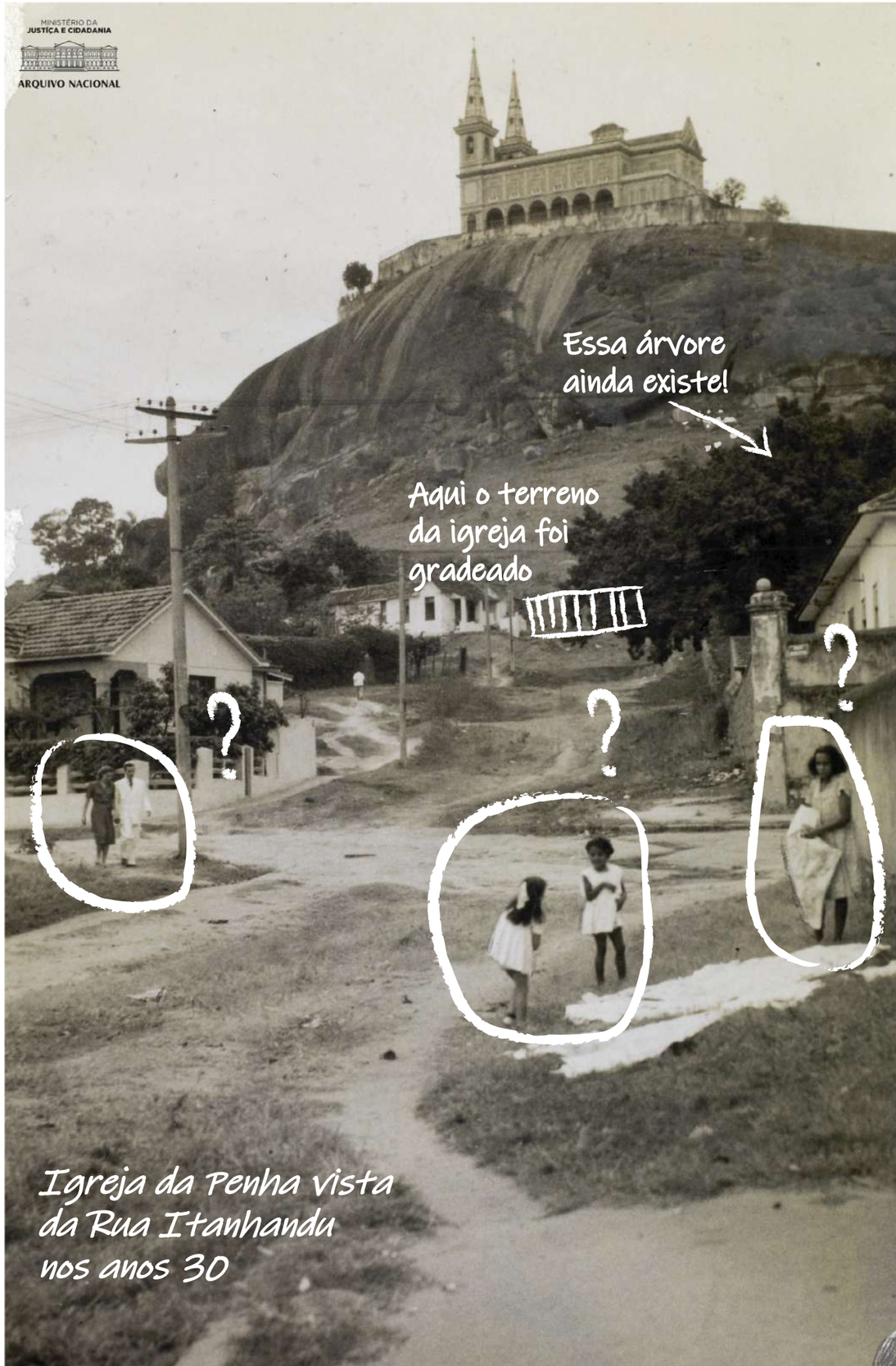
MONTAGEM CURTA
CONCLUSÃO

# 1. QUANTA
# 2. HISTÓRIA
# 3. AQUI
# 4. CABE

# QUANTA

*apesentação e justificativa*

Este é um trabalho em aberto, ou seja, que não aspira à sua completude. Que dá o primeiro passo em busca de evidenciar as diversas narrativas que compõem a memória de um espaço público a partir do cotidiano e das subjetividades. Vai de encontro à narrativa hegemônica que hoje pauta a política de conservação, a fim de compreender a essencialidade da memória e do afeto dos frequentadores dos espaços para mantê-los vivos dentro da dinâmica urbana.



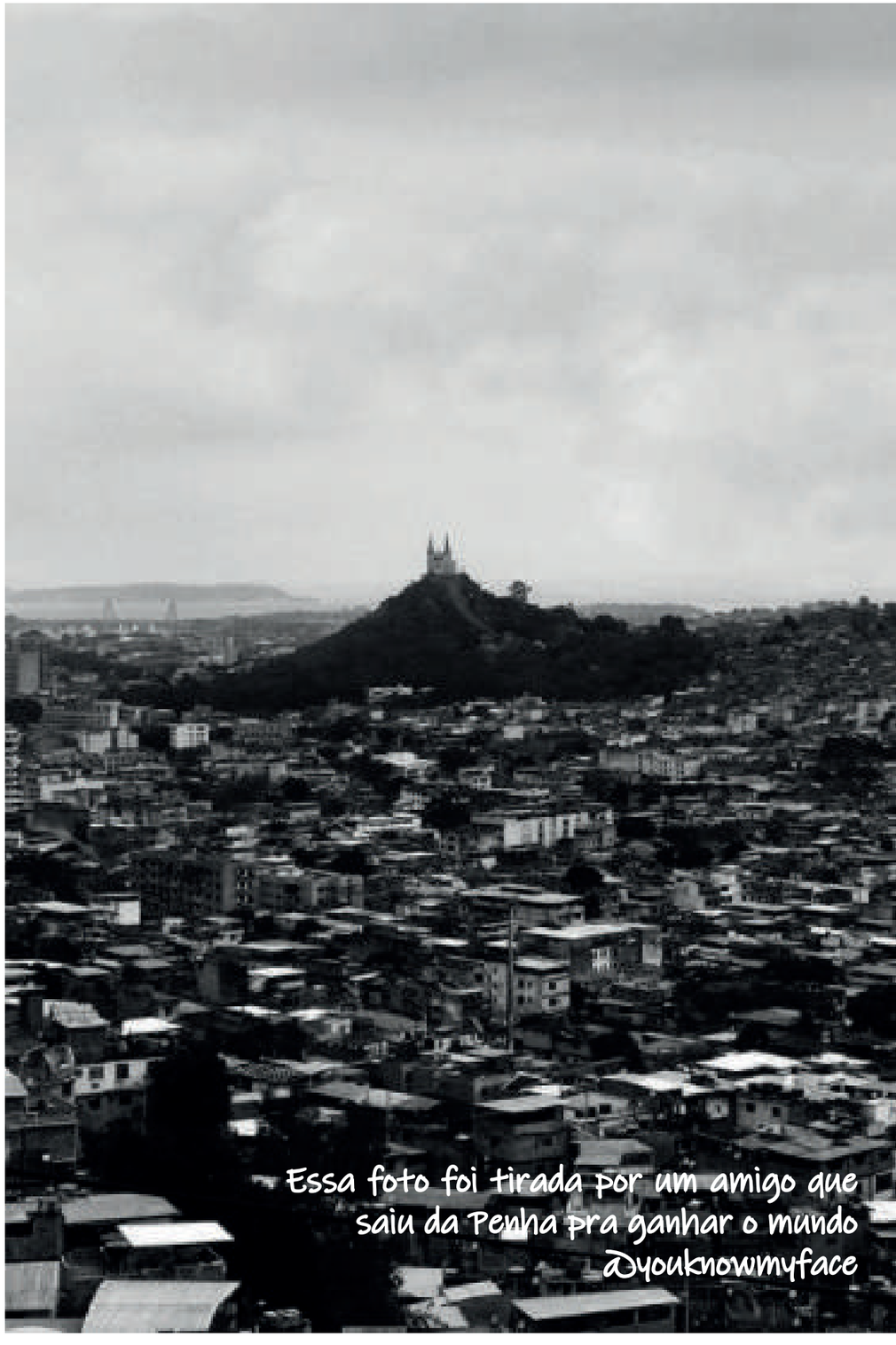

*Igreja da Penha vista da Rua Itanhandu nos anos 30*

O fazer da arquitetura não diz respeito apenas ao objeto construído. A relação entre diferentes temporalidades também é constituída por elementos não materiais, sensíveis e compartilhados coletivamente. É papel do arquiteto incidir sobre o existente, preservando, modificando ou participando da construção da memória de um lugar. Trabalhamos no sentido de desfazer/tensionar a dicotomia entre novo e antigo, operando nos lugares de memória[1] em busca de múltiplas identidades históricas repetidas nas construções e no coletivo imaginário. Aqui, interessa a relação da lembrança e do afeto e como ambos podem impulsionar o desejo de preservação dos espaços. No caso do Rio de Janeiro, bem como de outras grandes metrópoles, a dinâmica de construção da cidade é pautada principalmente pelas narrativas hegemônicas. No geral, são deixadas de fora as narrativas do cotidiano e as percepções daqueles que vivenciam e vivenciaram os espaços em detrimento do imaginário de cidade turística. Os novos atrativos históricos do Rio de Janeiro estão ligados quase sempre à destruição das camadas mais antigas e por isso é tão difícil ter pelos novos espaços, vazios de significado e história, uma relação de identificação.

Temos visto, nos últimos anos, como estratégia alinhada a modelos de planejamento urbano que operam em consonância com o mercado imobiliário, ações e projetos de "revitalização" de diversas áreas da cidade implementados sem levar em conta a história construída nestes locais pelos seus usuários e moradores.

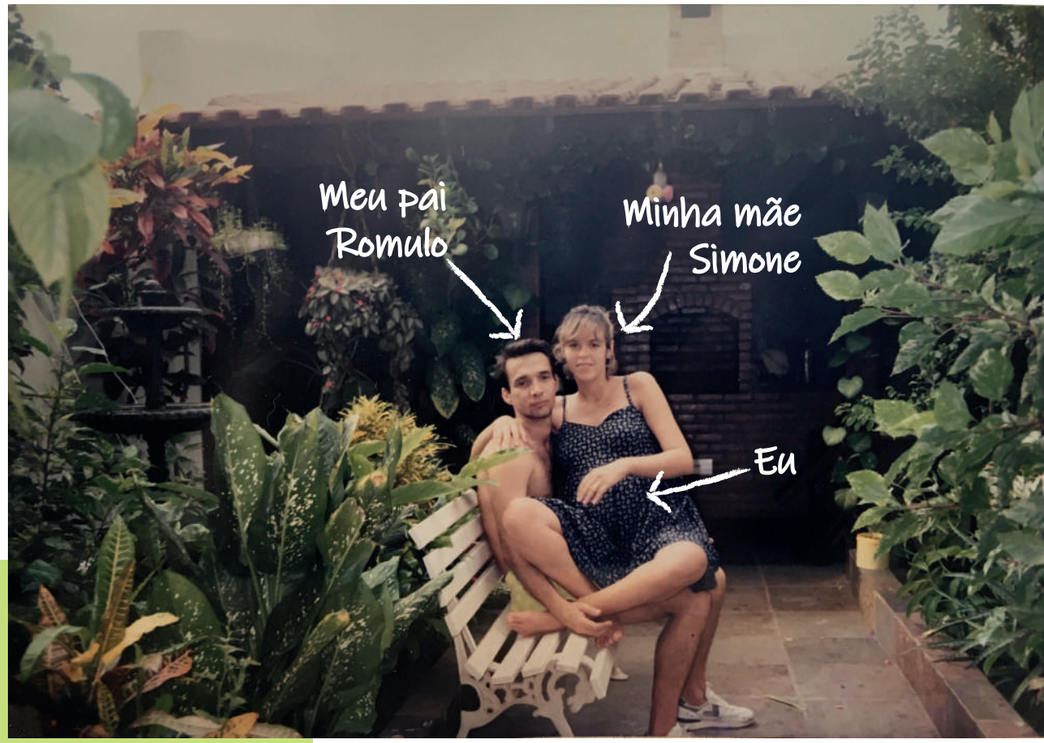
Cabe aqui ressaltar que o processo de apagamento da memória urbana visa debilitar as redes comunitárias que poderiam se opor a determinados projetos urbanos e econômicos. Mas a dinâmica da cidade é complexa e abarca também as situações de tensionamento das ações hegemônicas pelos grupos sociais que disputam a narrativa da cidade. Por vezes, vemos projetos que dissolvem a memória plural em detrimento de uma identidade coletiva única, simples e manipulada, mas que são apropriados e subvertidos por movimentos sociais que transformam desertos em espaços culturalmente ricos e repletos de memória e afeto.
Sem uma conexão afetiva da população com o projeto de cidade, o processo de degradação e desvalorização se estende até que se decida por uma nova obra que, baseada no apagamento histórico, gera mais um espaço esvaziado de sentido para a população. É a criação da cidade como produto onde o apagamento histórico é vendido com certo glamour do consumo.

Um dos maiores paradoxos, ambiguidades e dificuldades que a condição pós-moderna apresentou são os processos de eliminação da memória real e a invenção de memórias temáticas e estabelecidas - é o caso da facilidade com que as culturas pós-modernas criam imediatamente tradições festivas e comemorações e impõe edifícios - arranha-céus ou shopping centers - como símbolos imprevistos das cidades. Com isso, produz-se um processo psicológico de "distração", quando de repente, sem que a coletividade esteja muito consciente disso, uma falsa memória expulsa a existente, que é substituída por um *imago* (MONTANER; MUXÍ, 2011, p.161).



Primeiro, há de se falar que o trabalho se debruça sobre as apropriações diárias e sobre as memórias discretas do subúrbio, mais precisamente da Penha, criando uma plataforma-memória que só existe a partir do reconhecimento e da valorização da narrativa singular de cada indivíduo. Depois, é necessário entender os motivos que levaram-me a escolher o tema. Há aqui, como em todo o trabalho, duas escalas e um trânsito entre elas: a da escala pessoal-biográfica e a do debate urbano, e ambas serão explicitadas. Nasci na Rua Cuba, número 564, Penha Circular. Meus pais, na época, moravam no andar de cima da casa dos meus avós maternos. De lá pra cá morei em diversos lugares do Rio de Janeiro, Ilha do Governador, Jacarepaguá, Leblon e Flamengo foram alguns dos bairros pelos quais passei, mas nunca depois da Rua Cuba eu vivi a rua do mesmo jeito. Nascer, crescer e depois sair do subúrbio traz uma saudade eterna da sensação de pertencimento a um lugar. E foi esse sentimento que me moveu. Eu queria poder devolver algo pro bairro que me ensinou a viver a cidade. A Penha, nem qualquer outro bairro, precisa de mais projetos que parecem cair de paraquedas sem respeitar a identidade que já existia ali.

Entendi que o afeto e a memória são essenciais para mobilizar na população a vontade de preservar um lugar e para promover a capacidade social de resistência e reivindicação. Eu não faria um projeto de revitalização de um parque, mas me comprometeria a criar uma cartografia afetiva do bairro, evidenciando toda a vida que já existe na Penha



AINDA QUE SEJA ISSO O QUE EXIGEM OS GRANDES OPERADORES IMOBILIÁRIOS, FINANCEIROS E TURÍSTICOS, SE PERDERMOS A MEMÓRIA, TAMBÉM PERDEREMOS O SENTIDO

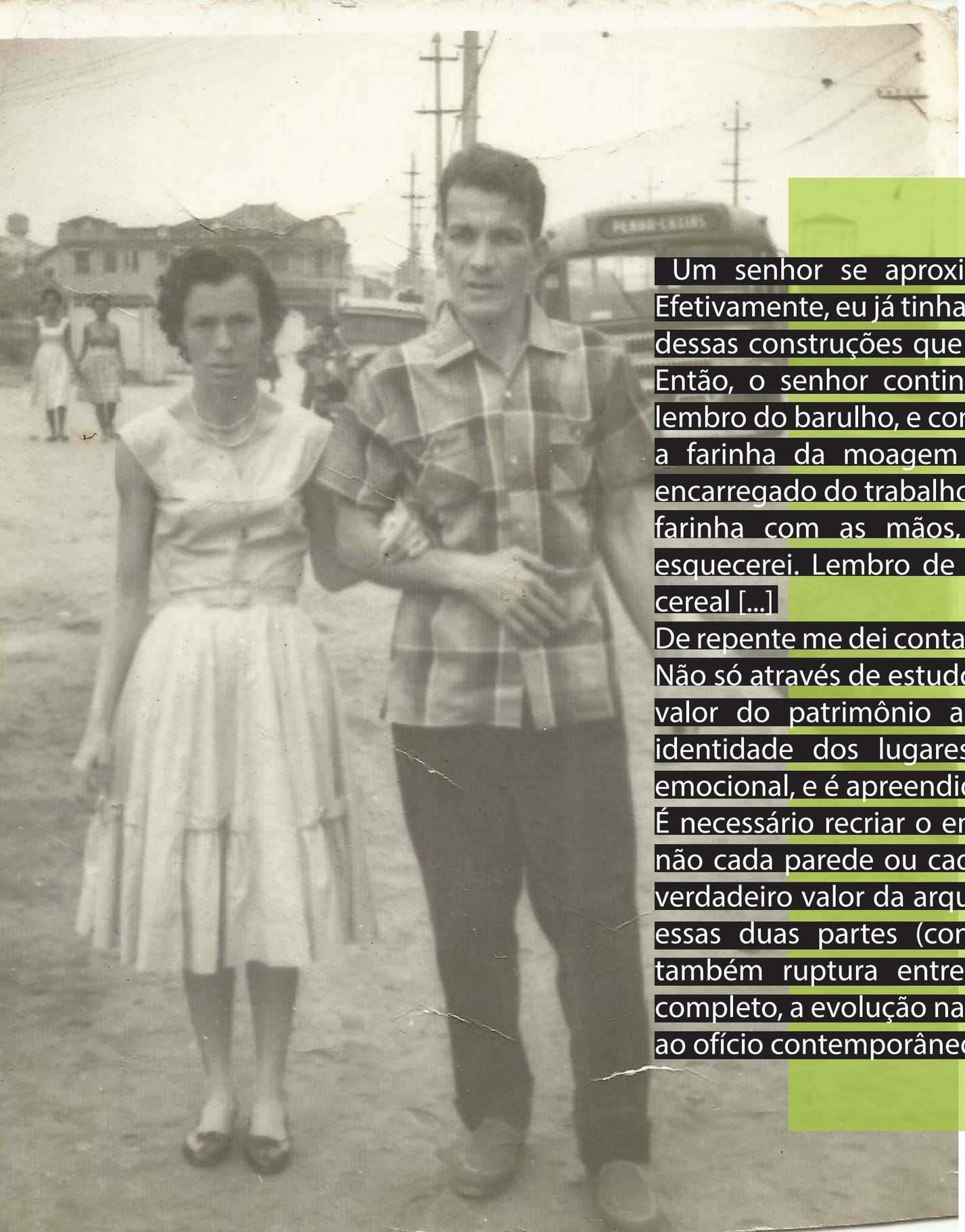
(MONTANER; MUXÍ, 2011, p.169)

A escala do debate urbano apareceu na mistura que gerou este trabalho quando, durante o Ateliê Integrado II[2], cuja área de atuação era a Penha e o Parque Ary Barroso, descobri que o parque tinha sido o lugar onde meus avós começaram a namorar. Ao visitar o parque me deparei com um lugar degradado, com seu espaço físico tomado por uma UPA e uma UPP. Aquele lugar tão especial para a minha família era também parte da história de outras e hoje vive seu momento de maior abandono. Não só o parque mas todo o bairro se encontra em estado de degradação e as políticas públicas parecem cegas à essa área da cidade, direcionando todos os seus recursos à revitalização das áreas turísticas. Fora do eixo Porto Maravilha-Zona Sul-Barra, a cidade do Rio de Janeiro se encontra em constante processo de desvalorização dos seus espaços públicos. Grande parte desse problema se deve ao descaso da prefeitura, que direciona sua verba sempre em favor das grandes empresas e das classes mais ricas da população. Na parte turística do Rio há uma maior oferta de espaços públicos de qualidade, enquanto no subúrbio é extremamente raro encontrar espaços conservados e com manutenção.

Ao suburbano é negado o direito ao lazer gratuito. Ao suburbano é negado o asfalto novo, a rua sem buracos, os bons hospitais, a segurança e o transporte público de - mínima - qualidade. Ao suburbano é negado até mesmo o direito à seus espaços de memória.

Essa questão-chave da memória urbana traz consigo muitas perguntas: quem possui o direito de recordar? Que grupo ou classe social, dos diversos que confluem em cada cidade, tem o poder de definir a memória? Como a cidade vai construindo seu imaginário à custa da ênfase em alguns aspectos e do esquecimento dos outros? Porque para recordar certos fatos é preciso esquecer outros (MONTANER; MUXÍ, 2011, p.168).

Parque Ary Barroso nos anos 50



Um senhor se aproximou de mim e disse: "Você viu os moinhos?". Efetivamente, eu já tinha subido pelo morro e me surpreendeu a quantidade dessas construções que existiam, já em um estado de abandono total(...) Então, o senhor continuou falando: "O maquinário girava e girava. Me lembro do barulho, e como se ouvia. As vezes ele aquecia tanto, que tostava a farinha da moagem e já não servia mais. Tinha 4 anos quando o encarregado do trabalho me deixou entrar para ver. Peguei um punhado de farinha com as mãos, quase posso senti-lo agora, esse tato, jamais esquecerei. Lembro de cada pedra desse moinho, e da serra coberta de cereal [...]

De repente me dei conta. Não podemos recriar a memória de forma ascética. Não só através de estudos técnicos e tipológicos, em uma determinação de valor do patrimônio arquitetônico material; não só reconhecendo na identidade dos lugares, seus costumes e sua história. A memória é emocional, e é apreendida e gravada a fogo através das sensações.

É necessário recriar o emocional para conseguir reconstruir mentalmente, não cada parede ou cada pedra, mas o verdadeiro significado do lugar, o verdadeiro valor da arquitetura. No momento que exista uma fratura entre essas duas partes (construída e sentida; material e emocional) existe também ruptura entre contemporâneo e memória, que impede, por completo, a evolução natural das arquiteturas populares e sua incorporação ao ofício contemporâneo (PAZ, 1969, p.77).

# HISTÓRIA

*metodologia*

A metodologia desenvolvida neste trabalho integra procedimentos de Cartografia Afetiva, História de Vida e da Montagem a fim de valorizar os narradores, seus processos, aprendizados e experiências. As histórias contadas aqui não são anônimas, são de pessoas com nome, rosto, endereço e identidade, mas que dizem de uma época e de uma denúncia. Todas as informações, relatos, imagens se processam e se expressam como cartografia, que funciona não apenas como resultado ou síntese, mas como uma "prática" para aproximação, reflexão, interpretação e construções narrativas sobre a Penha e com os interlocutores.

Meu avô Gilberto e eu na sacada da casa em que morávamos. É possível ver a Rua Cuba ao fundo

A escolha dos quatro entrevistados parte de uma narrativa afetiva, a minha. Não por acreditar que essa narrativa é capaz de dizer de uma "única" Penha, porque não o é, mas por ter que começar de um ponto e acreditar que o envolvimento afetivo com o lugar potencializa o processo de descoberta das suas diversas e múltiplas tramas históricas. Todos os personagens são pessoas que viveram comigo na Penha e com quem reparti minhas experiências no bairro. São indivíduos que alimentam afetos entre si e que, apesar de possuírem cada um sua própria cartografia, também dividem cartografias comuns, de forma que é possível encontrar espaços e memórias compartilhadas tanto pelos cinco quanto por outros moradores da Penha. O trabalho conta com os relatos desses quatro personagens, além de ilustrações que marcam detalhes importantes para a construção da história da penha e dos entrevistados. Além disso, o trabalho se conclui com um curta-metragem que funciona como uma lupa de aproximação dos espaços citados pelos interlocutores, comparando e contrastando imagens dos sítios experienciados anteriormente pelos mesmos com imagens atuais do estado em que se encontra cada espaço. O processo cartográfico é nesse caso método e finalidade. As experiências e lembranças dos entrevistados ajudam a desenhar histórias do bairro.

*cartografia afetiva*

A princípio, à época das grandes embarcações, mapear era dominar e colonizar. Os mapas partiam sempre da visão do colonizador que não acreditava ser válido qualquer saber do "Novo Mundo". O ato de excluir algo, ou alguém, de um mapa produz o apagamento de determinada realidade e invisibiliza pontos de vista diversos. Da mesma forma, incluir, ou dar condições de desenhar novos mapas, àqueles "esquecidos" pelos mapas formais constitui uma nova forma de desenhar o mundo. Mapear através da narrativa particular de cada morador da Penha é colocá-lo no centro do discurso contra-hegemônico que empodera o indivíduo em seu território.

No entanto, para a execução do trabalho, se faz necessário subverter o mapa como representação estática e redutora de um lugar, valendo-se da cartografia que se faz a partir do movimento de transformação da paisagem. Ela é prática onde se integram história e geografia, "inventando" linguagens capazes de dizer o contexto da sua produção.

O cartógrafo, quase como antropófago, devora as linguagens que encontra transformando-as para dar língua aos afetos que pedem passagem (ROLNIK, 1989, p.01). Ele deve estar atento às questões de seu tempo e compreender que a teoria é também cartografia, de forma que se altera conforme as transformações da paisagem e do tempo. Dessa forma, cartografia é fim e meio na construção do presente trabalho e o ato de cartografar é um ato político.

Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência, não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas (ROLNIK, 1989).

E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem (ROLNIK, 1989, p.02).

# ONDE O MAPA DEMARCA, O RELATO FAZ A TRAVESSIA.

(CERTEAU, 1990, p. 215)

Onde os relatos desaparecem (ou se degradam em objetos museográficos), existe perda de espaço: privado de narrações, o grupo ou o indivíduo regride para a experiência, inquietante, fatalista, de uma totalidade informe, indistinta, noturna (CERTEAU, 1990, p. 216).

Todo dia, eles (os relatos) atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços (CERTEAU, 1990, p. 199).

Entendendo "mapa" (no sentido tradicional do uso e da palavra) como representação estática do lugar, "lugar" como a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência e "espaço" como lugar praticado (CERTEAU, 1990) podemos verificar a importância do relato para a construção desse espaço.
O relato fala sobre a ação no estático, é o desenho dos acontecimentos e operações que tornam o lugar um espaço. É o que cria um "aqui" capaz de se diferenciar de outro "ali", pois é o corpo em movimento que ao mesmo tempo cria e descreve uma realidade.

O espaço é existencial. A existência é espacial (CERTEAU, 1990, p.202).

A História de Vida surge como chave metodológica para a execução do trabalho, considerando a importância do relato para a cartografia, objetivando articular história individual e história coletiva e instituindo procedimentos que articulam e integram o relato e a cartografia, ambos entendidos como prática operativa-reflexiva.

Diante da impossibilidade da neutralidade científica, à medida que o compromisso com a sociedade vai sendo reafirmado, a História de Vida se confirma como método qualitativo. De acordo com Goldenberg :

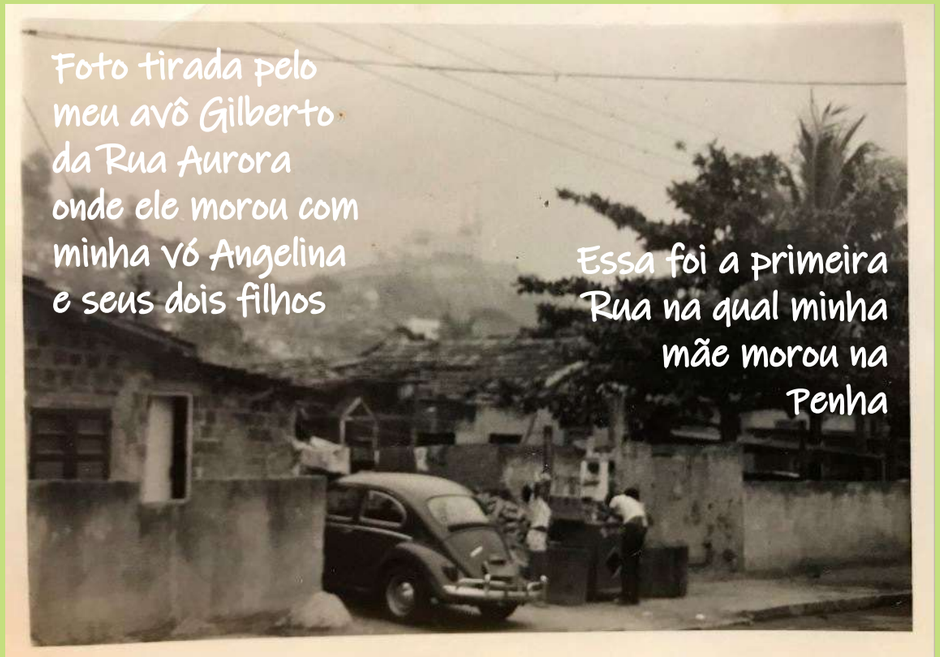
A escolha de trabalhar com dados estatísticos ou com um único grupo ou indivíduos, ou com ambos, depende das questões levantadas e dos problemas que se quer responder (GOLDENBERG, 2000, p. 62).

Mais adiante a autora acrescenta:

O importante é ser flexível e criativo para explorar todos os possíveis caminhos e não retificar a ideia positivista de que os dados qualitativos comprometem a objetividade, a neutralidade e rigor científico (GOLDENBERG, 2000, p.62).

Sendo assim, uma característica importante do método é a relação entre pesquisador e pesquisado, desestabilizando posições hierárquicas, o que representa um momento de construção conjunta e de constante diálogo. O objeto de estudo se constrói na interlocução com sujeitos dotados de vivências, interpretações e pontos de vista, sendo assim, a investigação não parte de uma premissa pré estabelecida, mas se desenvolve na relação produzindo um saber coletivo, e a narrativa de quem conta provoca no pesquisador, que colhe os relatos, também algum tipo de reflexão.

Para além disso, a experiência do relato oferece à quem conta sua história a possibilidade de um mergulho interno, re-significando suas experiências. Trata-se de uma tentativa "de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante" (PARANÁ, 1996, p. 317).



A escrita narrativa mobiliza no sujeito uma tomada de consciência, por emergir do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas, remetendo a constantes desafios em relação às suas experiências e às posições tomadas. Não é uma biografia, ou um 'romance sobre a vida de alguém', é uma metodologia que utiliza uma variedade de fontes e procedimentos de coleta de dados: documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais), e também entrevistas biográficas (orais ou escritas). Colocada a serviço de um projeto é adaptada a perspectiva definida pelo projeto específico, mas que também engloba a totalidade da vida em todas as suas dimensões (passado, presente e futuro) (MAESTRI; 2013, p.06).

# A CURA ESTÁ NO TEMPO,
# DIZEM,
# MAS, ELA PENSA,
# POR QUE NÃO
# NO ESPAÇO?
# (ESPERA: ESTOU
# INVENTANDO UMA LÍNGUA
# PARA DIZER O QUE PRECISO.)

Ana Martins Marques

*montagem*

A cidade pode ser lida através dos elementos marcantes em sua paisagem que compõem a memória individual ou coletiva dos entrevistados, bem como da maioria dos indivíduos. Partindo do entendimento de paisagem como algo mutável e proveniente dos tensionamentos político-sociais, o procedimento da montagem surge como forma de aproximação das diferentes realidades de um lugar, buscando perspectivas outras para que se possa ver o objeto de pesquisa em sua pluralidade.

É importante historicizar a cidade a cada momento a fim de abarcar sua dialética e dinamismo. Sendo assim, o processo da montagem, presente neste trabalho, desafia a linearidade do tempo colocando em conflito a fotografia atual com as que lhe precederam.

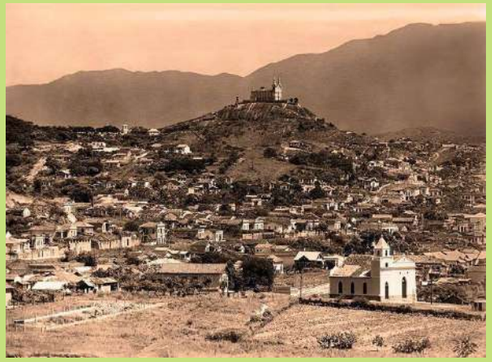
No entanto, é necessário analisar a imagem para além de seu caráter fetichizado, observando todas as suas variáveis. A fotografia funciona aqui como máquina do tempo que avança e retrocede diversas vezes para nos conectar (no agora) ao passado daqueles que viveram a Penha, e ao futuro. Dessa forma parece possível tangenciar as diversas perspectivas historiográficas que compõem a Penha.

O processo da montagem-desmontagem-remontagem se baseia na noção de montagem de Walter Benjamin, analisada através de seus comentadores.

No livro Passagens [3] o autor traça um retrato da Paris moderna e apresenta o método da montagem. O processo é composto por diversas constelações que se desmontam e remontam a todo momento, evidenciando o choque entre tempos distintos. Sobre a montagem, Walter Benjamin relata:

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer.Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os. (BENJAMIN, 2006, p. 502)

Para Benjamin, a montagem era a ferramenta de escrita de uma história outra, e é assim que o método será utilizado neste trabalho. Não para alcançar um resultado exato, estático, mas para entender o processo em constante modificação que é a cidade.



EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM COM A PEDRA QUE SÓ ATIROU HOJE.

Antigo ditado Iorubá

*referências*

Em seguida serão apresentadas as três referências que deram início a esse trabalho. Além destas três iniciais, algumas outras compõem a bibliografia do trabalho, pois o processo investigativo apresenta, a cada passo dado, uma gama considerável de referências de extrema relevância para a conclusão do pensamento que norteia o trabalho.
Os textos são retirados dos canais oficiais de divulgação dos três livros e são acompanhados por um parágrafo que explicita a relação dos mesmos com a metodologia adotada nesse TFG.

## Arqueologia Afetiva Urbana, 2011
Eduardo Foresti | São Paulo (SP)

"A fria imagem de um mapa eletrônico, na qual a cidade de São Paulo é codificada em um emaranhado de nomes de ruas, serve de base para o cartaz de Eduardo Foresti. A partir dela, o arquiteto constrói um mapa afetivo em que a cidade se torna o pano de fundo de uma narrativa extremamente pessoal. A obra foi produzida para a mostra Um Cartaz para São Paulo, que reúne, a cada ano, cartazes que celebram o aniversário da capital paulista." - Texto retirado da apresentação do trabalho na exposição cidade gráfica (Itaú Cultural)

A **Arqueologia Afetiva** de Foresti se relaciona com o presente trabalho a partir da sua linguagem gráfica e metodologia. A espacialização das memórias pessoais do arquiteto serve como inspiração para a a criação da cartografia afetiva adotada nesse TFG.

*imagem 12*

*imagem 13*

*imagem 14*

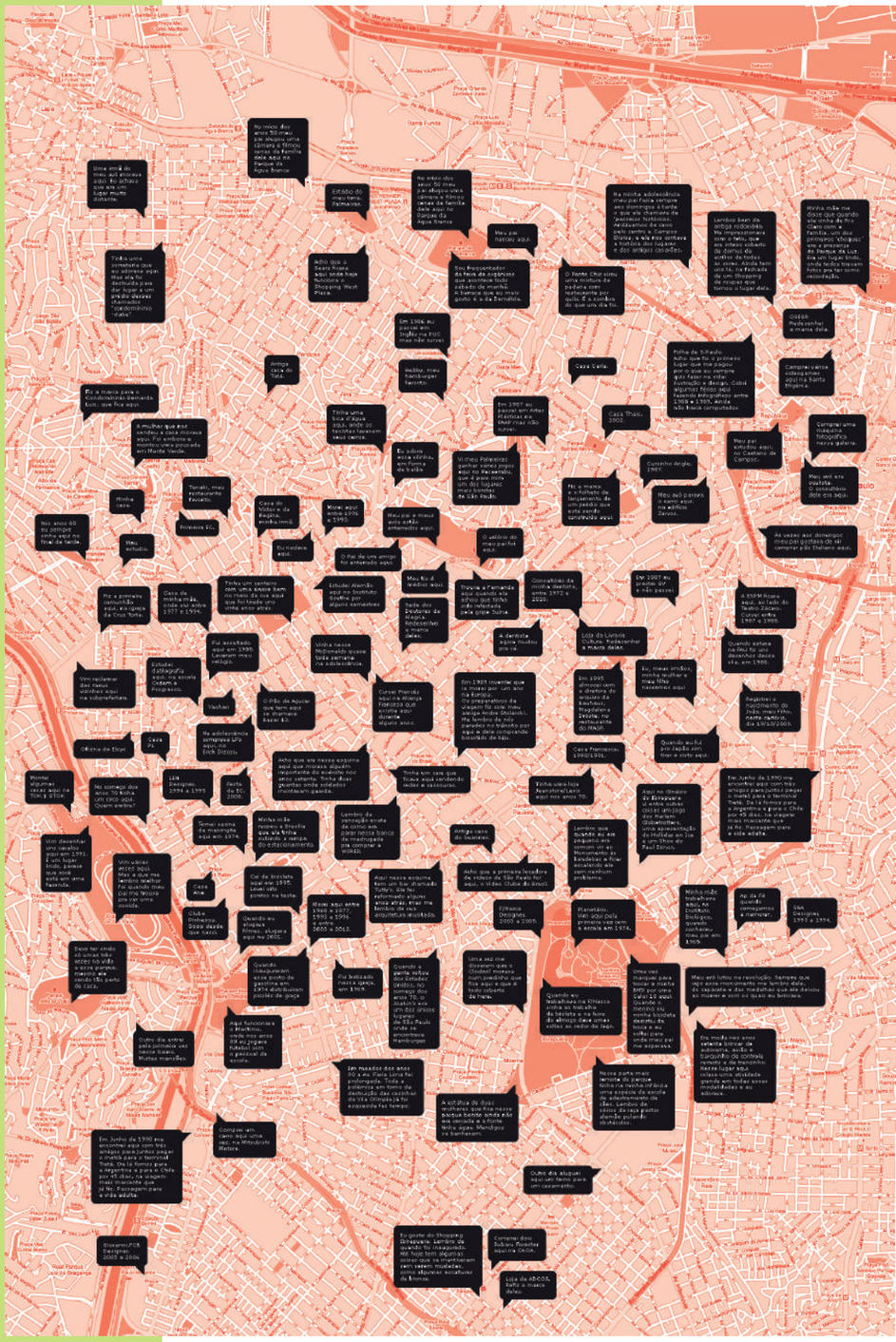


*imagem 15*

Atlas Ambulante, 2011
Renata Marquez e Wellington Cançado | Belo Horizonte (MG)

"O livro reúne as histórias de seis ambulantes artesãos que exercem os seus ofícios nas ruas de Belo Horizonte: Antônio (vendedor de biju), Osmar (afiador de facas), Robson (vendedor de pirulitos), Jefferson (vendedor de algodão-doce) e Agnaldo e Marlene (empalhadores). Entre as estratégias gráficas usadas por Marquez e Cançado para retratar esses personagens está a cartografia, que registra a lógica espacial própria de cada atividade, a reprodução de imagens capturadas por eles no seu cotidiano, um inventário dos seus instrumentos de trabalho e a documentação dos produtos em escala real." - Texto retirado da apresentação do trabalho na exposição cidade gráfica (Itaú Cultural)

A associação do presente livro com o desenvolvimento do trabalho se dá principalmente em relação à linguagem gráfica e à metodologia usadas para a construção de um "atlas" que parte da escala cotidiana e da vivencia do indivíduo.

*imagem 16*

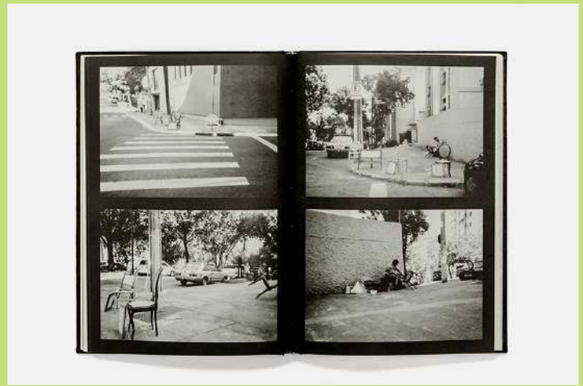


*imagem 17*

*imagem 18*

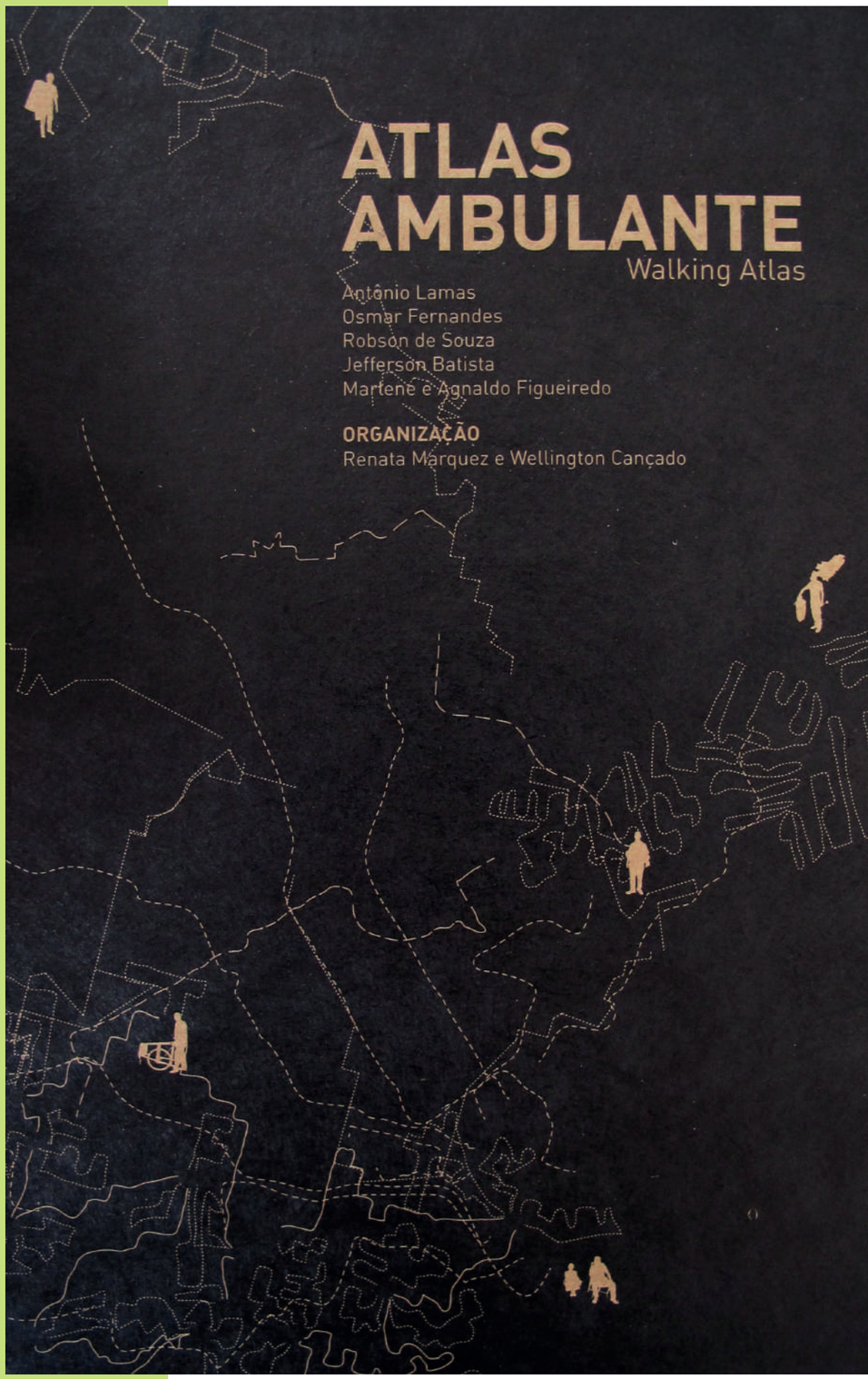



*imagem 19*

O Corpo Encantado das Ruas, 2019
Luiz Antonio Simas | Rio de Janeiro (RJ)

"O corpo encantado das ruas reivindica a riqueza dos saberes, práticas, modos de vida, visões de mundo das culturas que não podem ser domados pelo padrão canônico. Aqui, tambor e livro são tecnologias contíguas. O Parque Shanghai é tão importante quanto o Cristo Redentor. Bach é um gênio como Pixinguinha. O Museu Nacional, um território sagrado, que acumulava o axé proporcionado pelos ancestrais à comunidade. Não é um livro sobre resistir. É sobre reexistir. Reinventar afetos, aprender a gramática dos tambores, sacudir a vida para que surjam frestas. Para que corpos amorosos, corpos de festa e de luta se lancem ao movimento e jamais deixem de ocupar a rua." - Descrição oficial da Editora José Olympio

Assim como em **O Corpo Encantado das Ruas** a narrativa deste trabalho parte de uma história outra sobre a Penha. Uma que compreende a dimensão afetiva do lugar.

O CORPO ENCANTADO DAS RUAS

25. UMBIGO DO MUNDO

"Uma cantiga e um outro modo
Alguém me empresta
Hoje é domingo
E eu preciso ir à festa
Não brincarei, quero ficar uma moça
Pedir à santa padroeira proteção
Evoé os amigos encontrarei alguns que onda
Hoje é domingo e eu preciso ir à Penha."
– "Festa da Penha", Caetano e Assirior

AS RUAS da Penha surgem da festa, que por sua vez nasce de encontro (nublado entre o portugalo, a cabra, a santa e o ingaru. Assis contam os mais velhos, o portugalo Baltazar de Abreu Cardoso foi atacado por uma cobra venenosa durante uma caçada, lá pelos idos do século XVI. No sufoco, apelou para Nossa Senhora da Penha. Um ingaru apareceu e o arrepiou, com ondas de bichas, foi embora. Baltazar, dono das terras, ergueu uma capela no local do milagre – o ano de uma prece – e prometeu


O CORPO ENCANTADO DAS RUAS

UMBIGO DO MUNDO


O CORPO ENCANTADO DAS RUAS

26. AZEITE DE DENDÊ NO CARNAVAL

"Eres que tem duas cabeças, diz faz na gira com fé
Eres que tem duas cabeças, diz faz na gira com fé
Uma é fazenda de inferno outra é de Jesus Nazaré
Uma é fazenda de inferno outra é de Jesus Nazaré."
– Ponto de Exu

AS RUAS no carnaval são exemplarmente marianas. Essa é aquela que vive no recado: na brecha, na cisca da lona, malandramente escapada, descontraindo, quebrando o palco, adivinhando no atropelo do tempo, gingando capoeira ao lado da navalha. Exu é o menino que colhera o mel das galerinhas, tiertou o kite das domeches e acertou o passo certo com a polca que ninava hoje; é o subversivo que, quando está sentado, bate com a cabeça no teto e em pé não atinge sequer a altura do fogareiro. Ele é chegado aos farrafo da rua. Adora estar de ilundé. Mas não é só isso e pode ser o oposto a isso.

*imagem 20*

*imagem 21*

*imagem 22*

*imagem 23*

# AQUI

*onde | recorte espacial*

*imagem 24*

“Do encontro inusitado entre o português, a cobra, a santa e o lagarto, nasceu a festa. Assim contam os mais velhos: o português Baltazar de Abreu Cardoso foi atacado por uma cobra venenosa durante uma caçada, lá pelos idos do século XVII. No sufoco, apelou para Nossa Senhora da Penha. Um lagarto apareceu, e a serpente, com medo do bicho, foi embora. Baltazar, dono das terras, ergueu uma capela no local do milagre — o alto de uma pedra — e prometeu fazer anualmente uma celebração para relembrar o fato. Surgiu assim, segundo a tradição popular, um dos maiores fuzuês da história do Rio: a Festa da Penha, celebrada no mês de outubro.“

Luiz Antonio Simas - O Corpo Encantado das Ruas (2019)

A própria história da Penha nasce de um relato!

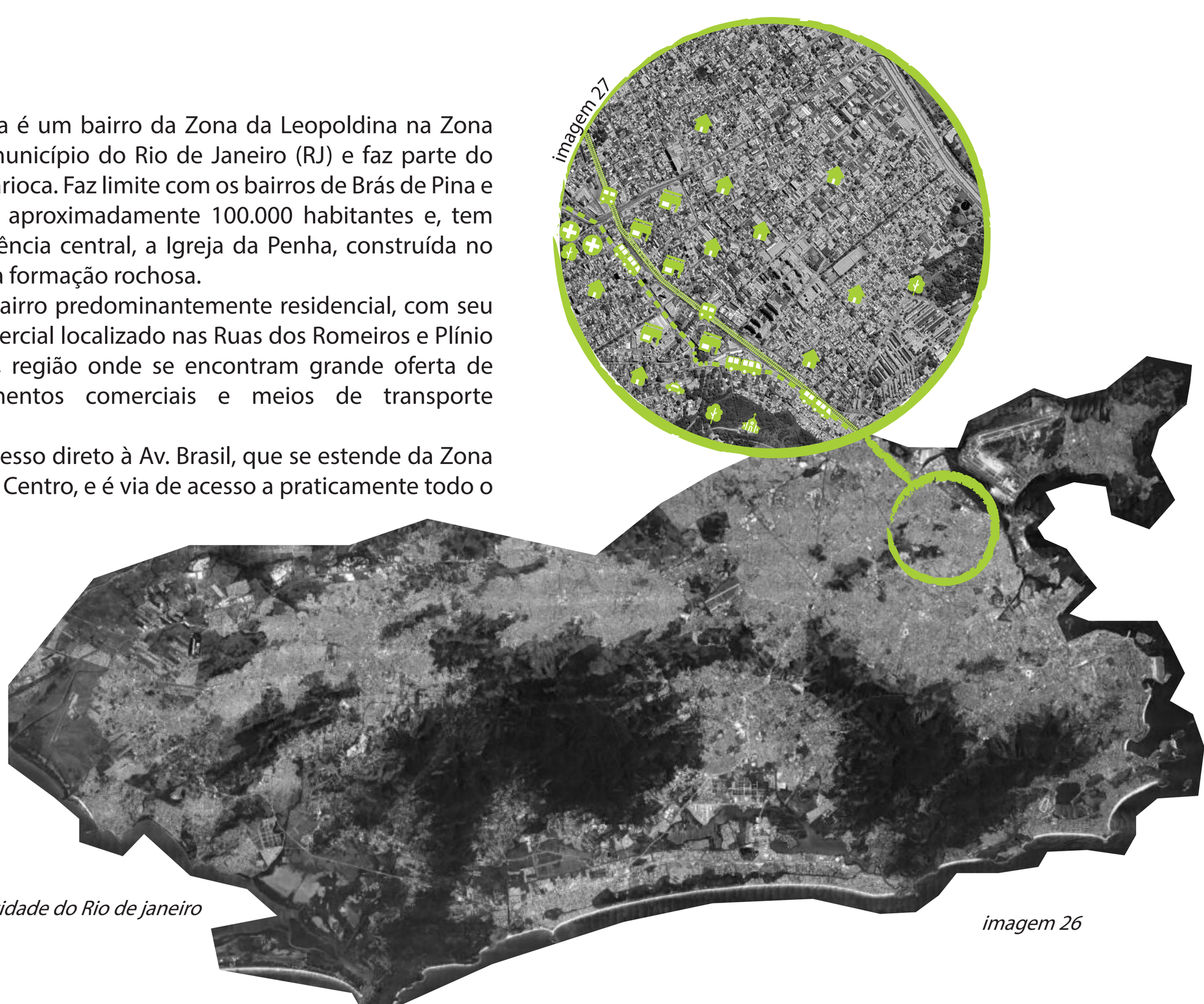
*imagem 25*

*contexto*

A Penha é um bairro da Zona da Leopoldina na Zona Norte do município do Rio de Janeiro (RJ) e faz parte do subúrbio carioca. Faz limite com os bairros de Brás de Pina e Olaria, tem aproximadamente 100.000 habitantes e, tem como referência central, a Igreja da Penha, construída no alto de uma formação rochosa.

É um bairro predominantemente residencial, com seu centro comercial localizado nas Ruas dos Romeiros e Plínio de Oliveira, região onde se encontram grande oferta de estabelecimentos comerciais e meios de transporte diversos.

Possui acesso direto à Av. Brasil, que se estende da Zona Oeste até o Centro, e é via de acesso a praticamente todo o município.




*mapa da cidade do Rio de janeiro*

*imagem 26*

*imagem 28*

hospital / upa

comércio

igreja da Penha

brt

linha do trem

parque

á. residencial

polícia/upp

trem

via brt

Os fragmentos que dão a cara do bairro são apresentados aqui em ordem cronológica, mas sem o rigor das datas. Começamos pelo ONTEM, seguimos as curvas do tempo até alcançar o HOJE. Ambos se conectam no imaginário do bairro.

Para saber da Penha é preciso lembrar dos tempos em que a Praia de Maria Angú era porto de chegada da barca à vapor que levava o povo para a Festa da Penha e local de pesca que sustentou muitas famílias. É preciso saber que há muito tempo o bairro sofre com o descaso do poder público e que a sua população já fazia denúncias e apelos que eram subvertidos e capitalizados pela administração da cidade.

Depois é preciso pontuar a força que a Penha teve na história do samba, e como os sambistas todos lançavam suas músicas na Festa da Penha. Caso a música fizesse sucesso na festa ela seria sucesso no próximo carnaval. A Festa da Penha era termômetro do samba carioca e pelas escadarias subiram nomes como Ismael Silva. A Penha já teve bonde e castelo. Um dia também já teve um Parque Ary Barroso sem grades, cheio de quedas d'água e jardins bem conservados.

Por último, alcançamos o HOJE. A Igreja da Penha como ponto turístico, como marco geográfico e símbolo de esperança. O Parque Shanghai já sem o glamour de antigamente mas ainda com o brilho de fantasia próprio de um parque que faz parte da história do bairro e dos seus moradores. As passagens subterrâneas e inseguras do trem, de dia cheias de ambulantes e à noite vazias e escuras. Para fechar o mapa imagético da Penha, o azulejo de santo na fachada. Aqueles que transitam pelo Rio de Janeiro e dão de cara com uma casinha com azulejo de santo no topo já sabem: AQUI ESTÁ O SUBÚRBIO.

O próximo passo é a remontagem da historiografia do bairro através da ESPIRAL DO TEMPO, articulando diferentes narrativas e fontes. Conta-se aqui a história formal da Penha, sob uma nova metodologia que abarca também os diferentes tempos e percepções.

imagem 29

## Imperial Companhia de S. Christovão e Cajú.

Em consequencia da festa de Nossa Senhora da Penha largará da ponte do cáes da Prainha, com escalas por S. Christovão e Cajú, para o Porto de Maria Angú a nova barca de vapor *S. Christovão*, no domingo 4 do corrente, ás seguintes horas, se o tempo o permittir:

| DA PRAINHA | DO PORTO DE MARIA ANGU |
|---|---|
| *de manhã.* | *de manhã.* |
| A's 8 e 11 horas. | A's 9 e no meio-dia. |
| *De tarde.* | *De tarde.* |
| A' 1 e 4 horas. | A's 2 e 6 horas. |

O preço de passagem é de 1$ por pessoa, sem distincção; os bilhetes de ida e volta vendem-se na ponte da Prainha. Rio, 1º de outubro de 1857.—*João L. da Silva Freech.*

imagem 32

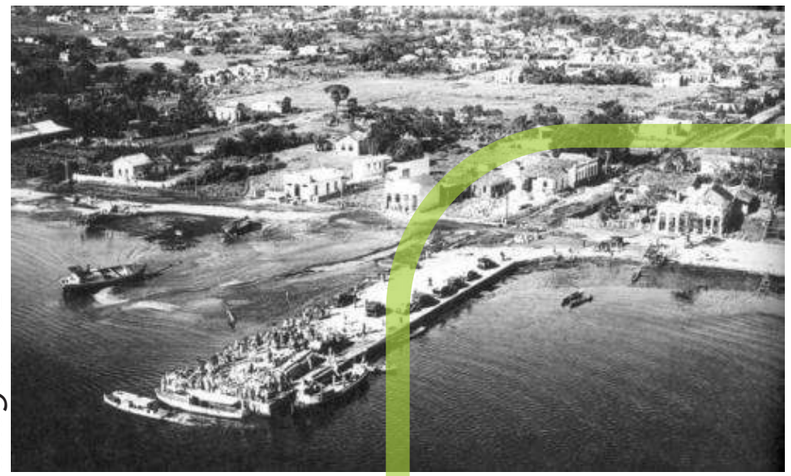


imagem 33

NOSSA TERRA

Pescadores de siris no porto de Maria Angú (Rio de Janeiro). Os que procuram o ligeiro crustaceo empregam na maioria dos casos — como se vê na photographia — o puçá, que é o engenhoso jerére no Norte.

(Photo de Nicolau Barbeito Corredera)

imagem 30

## DECLARAÇÕES

# FESTA DA PENHA

### Irmandade de Nossa Senhora da Penha

Com o maior brilhantismo e solemnidade festejar-se-ha domingo, 23 do corrente, a Virgem Milagrosa Senhora da Penha.

A's 11 horas, missa solemne, prégando ao Evangelho o Revm. padre Ricardo Silva, capellão da irmandade, sendo a orchestra composta de distinctos professores, sob a regencia do professor José Pereira da Silveira.

O *Te-Deum* é do immortal maestro Francisco Manoel.

Das 4 horas da tarde da vespera e todo o dia da festa, em um lindo coreto ao lado da casa da romaria, tocará uma banda de musica durante o leilão de lindas prendas.

De ordem do irmão juiz, convido a todos os nossos carissimos irmãos e devotos, a comparecerem a esses actos, para maior brilhantismo do culto divino.

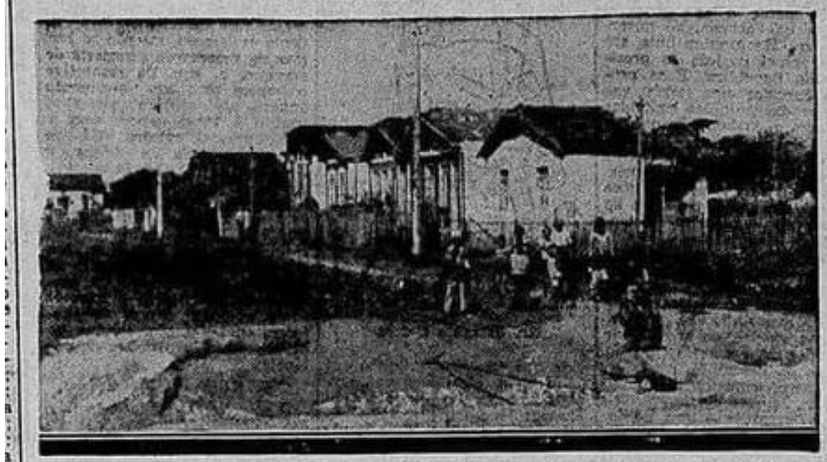
A Estrada de Ferro do Norte terá trens em correspondencia com a estrada de ferro D. Pedro II, a partir da estação de S. Francisco Xavier, bem como haverá bonds maritimos e barcas, dos cáes Pharoux e Prainha.

Secretaria, 16 de Outubro de 1887.—O secretario, *Thomaz José Fernandes Macedo.*

imagem 31

# TRANSFORMADO Num MedonhoMattagal

**O DIARIO CARIOCA chama a atten ção da Limpeza Publica para o estado de deploravel conservação e as seio em que se encontra a rua Guatemala, na Penha Circular**



Um aspecto da rua Guatemala, na Penha Circular, vendo-se o mattagal que ostenta, e valas intupidas pelo lôdo

A campanha que o DIARIO CARIOCA vem realizando em favor dos bairros pobres e zonas suburbanas, tem merecido os mais francos applausos, pois vae ao encontro das necessidades de uma grande parte, senão da maioria de nossa população.

A majoração dos alugueres das casas que certos senhorios inescrupulosos pretendem levar a effeito, o descaso das autoridades em zelar pela saude publica, o pessimo serviço de conservação e limpeza das ruas suburbanas em suas vallas infectas, verdadeiros fócos de mosquitos, tudo, emfim, vimos pelas nossas columnas, documentando em flagrantes photographicos, mostrando ás autoridades competentes, fazendo-nos interprete da gente pobre e laboriosa, a mais directamente attingida por taes maleficios.

Agora mesmo, attendendo ao appello que nos foi feito pelos moradores da rua Guatemala, na estação de Penha-Circular, comparecemos á referida via publica e podemos constatar o pessimo estado de conservação e asseio em que se encontra aquelle importante logradouro publico.

O matto cresce assustadoramente em toda a rua tornando-a intransitavel. As valas que a marginam sem nunca terem passado por qualquer limpeza, permanecem entupidas pelo lodo, horrivelmente sujas, não só exhalando máo cheiro como tambem criando nuvens de mosquitos, os quaes trazem os infelizes moradores em constantes sobresaltos.

Como se vê na gravura que estampamos, os vehiculos não pódem transitar nessa rua, tal o numero de buracos que nella se encontra e os transeuntes o fazem difficilmente, por meio de uma "picada" improvizada.

No entanto, bem proximo, está installado um posto da Limpeza Publica, cujos funccionarios parecem soffrer de myopia, pois não vêem o deploravel estado da alludida rua.

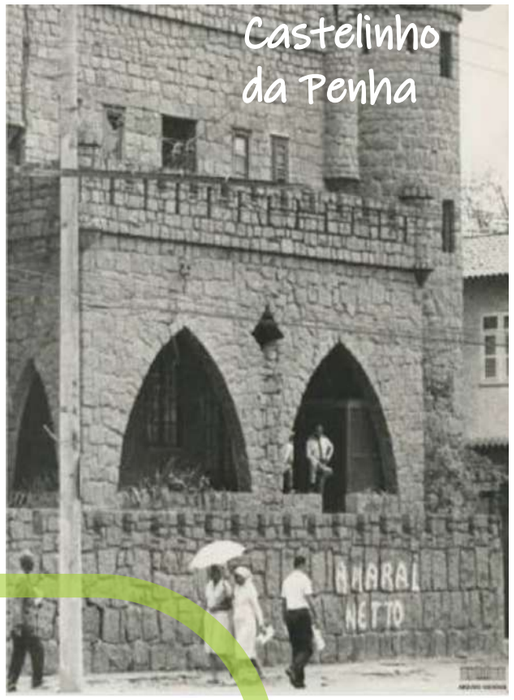
E' preciso que a Municipalidade não se lembre dos pobres moradores dos suburbios da Leopoldina sómente para tributar pesados impostos, todos os annos, e crearem novas taxas, além de lhes cobrarem serviços de uma "limpeza publica" que os mesmos não usufruem.

imagem 34

ONTEM

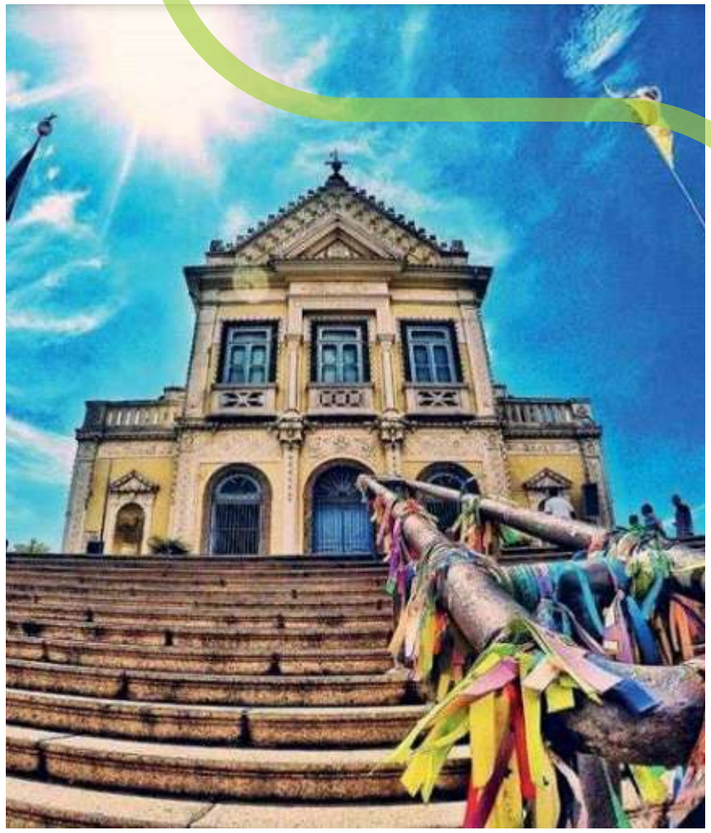
imagem 35
Ismael
Silva

imagem 36
94
PENHA
facebook.com/riosuburbio
MEMÓRIAS DO SUBÚRBIO CARIOCA


Castelinho
da Penha
imagem 37

Parque Ary
Barroso
imagem 38

imagem 39



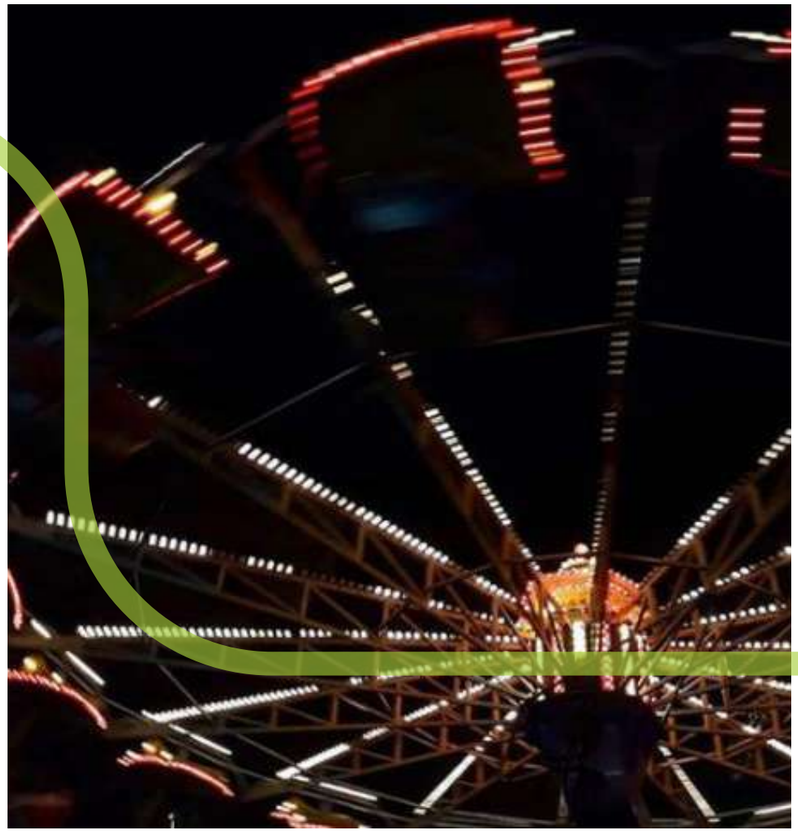


imagem 42

O azulejo de santinho na fachada é marca registrada do subúrbio do Rio

imagem 43

imagem 44

HOJE

Ao norte do bairro tinha um Mangue, batizado pelos indígenas de Mariangu. Foi lá onde surgiu o porto de Maria Angu que no período colonial servia de atracadouro para a produção agrícola local.

Por volta de 1635, após ser atacado por uma cobra e sobrevivido, capitão Baltazar decidiu erguer um santuária para a santa que ele acreditava ter lhe salvado: Nossa Senhora. A igreja foi construída no alto do penhasco existente na quinta que pertencia ao capitão.

Em 1613, as sesmarias de Inhaúma e Irajá foram cedidas ao capitão Baltazar Abreu Cardoso.

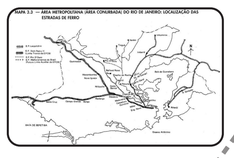
A primeira festa da Penha data de 1640, segundo a arquidiocese do Rio de Janeiro.

Enquanto os Ricos Comerciantes subiam ate o Templo, seus escravos que nesta epoca eram proibidos de subir ate o Santuario ficavam embaixo festejando à sua maneira.

No ano de 1817 a Sra. Maria Barbosa prometeu a Santa que mandaria esculpir no penhasco uma escadaria para facilitar o acesso dos devotos ao santuário. E no período entre 1818 e 1819 a escadaria foi entalhada em pedra por mãos escravas.

Estação da Penha, do Trem da Leopoldina, foi inaugurada em 1886, pela Rio de Janeiro Northern Railway Company. A facilitação do acesso ao bairro estimulou o crescimento do mesmo, bem como a chegada dos romeiros .

Em 1889 foi proclamada a República no Brasil e a Festa da Penha passou a ser considerada uma manifestação promíscua. Grande parte do preconceito com a festa se dava pela grande aceitação da mesma pela população negra.



Após a abolição da escravidão, em 1888, o morro da Penha, onde já existia um Quilombo, se tornou o destino de muitos ex-escravos. O Quilombo deu origem à Vila Cruzeiro.

No periodo do final do imperio e inicio da Republica estava a frente da Irmandade Padre Ricardo, que acolheu escravos fugidos em sua propriedade, passando esta a ser conhecida como "Quilombo da Penha".

Em 1917 acontecia o 1º Concurso de Musicas Carnavalescas , durante a Festa da Penha. Na época, apenas as grandes sociedades desfilavam pelo Centro, enquanto a Penha acolhia um carnaval de rua com a presença de blocos e escolas de samba

O bairro se emancipou da Freguesia de Irajá por força do Decreto 1.376, em 22 de julho de 1919.

Em 1924, o Curtume Carioca se transformou na maior indústria de couro das Américas e principal empregadora na região da Leopoldina.

O Hospital Estadual Getúlio Vargas foi fundado em 3 de dezembro de 1938. Ele e o Parque Ary Barroso se encontram em um terreno doado pela família do pioneiro Lobo Júnior, conhecido como Chácara das Palmeiras.

Em 1949 ficava pronto o IAPI da Penha, projetado na Era Getúlio Vargas, pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. O conjunto proporcionava habitação financiada a longo prazo aos seus segurados, numa época que a previdência social era descentralizada.

Nota-se como a história conhecida da Penha depende dos relatos que são passados de geração em geração

Na época, o Rio de Janeiro contava apenas com cinco grandes lugares de lazer para a população e nenhum no subúrbio.

O parque Ary Barroso foi inaugurado em 1964, ano da morte do compositor . Foi criado no local da antiga Chácara dos Lôbo, família importante daquelas redondezas.

O Parque Shangai surgiu em 1900 como uma atração itinerante que percorria todo o brasil até, em 1966, chegar à Penha, onde se estabeleceu.

Lista de figuras em ordem de aparição

01. Porto de Maria Angú - Grupo O Passado do Rio (Facebook)

02. Mapa de Sesmarias do Rio de Janeiro - Fórum de debates da Associação Ferroviária Trilhos do Rio

03. Festa da Penha - Grupo O Passado do Rio (Facebook)

04. Membros da Arquidiocese em frente ao Santurário da Penha - Arquidiocese do Rio de Janeiro

05. Escadaria da Penha (colorida) - Blog Um Coração Suburbano
06. Escadaria da Penha (sépia) - Blog a Voz das Comunidades

07. Vila Cruzeiro - Site do Movimento Negro Unificado (seção RJ)

08. Mapa Linhas de Ferro - Evolução Urbana do Rio de Janeiro

09. Ismael Silva subindo a escadaria do Santuário - Blog Histórias do Samba e do Choro

10. O violonista João Pernambuco, Patrício Teixeira, Pixinguinha e Caninha na festa da Penha - Blog Histórias do Samba e do Choro

11. Trabalhador do Cortume Carioca - Blog Um Coração Suburbano

12. Foto aérea do Cortume Carioca - http://www.multirio.rj.gov.br/

13. Hospital Getúlio Vargas - Fundação Hospital Getúlio Vargas

14. Foto aérea IAPI da Penha - Blog Um Coração Suburbano

15. IAPI da Penha - Grupo O Passado do Rio (Facebook)

16. Capa do disco Carequinha no Parque Shanghai - Instituto Memória Musical

17. Carrinhos de bate-bate no Parque Shanghai - Grupo O Passado do Rio (Facebook)

18. Foto do alto do Parque Ary Barroso antes das grades - Arquivo Nacional

19. Crianças no Parque Ary Barroso - Grupo O Passado do Rio (Facebook)

20. Parque Ary Barroso visto de fora - Blog Um Coração Suburbano

# CABE

*entrevistados | processo | produto-vídeo*

São quatro os entrevistados para este trabalho. Os quatro surgem como co-criadores desta cartografia que traço sobre a Penha e é a partir deles que pretendo expandir a rede de histórias que compõem este TFG. Por se tratar de um trabalho intimamente ligado à memória e à percepção do espaço, a metodologia escolhida parte das narrativas das vivências dos sujeitos valorizando-as como singulares e criativas, sem perder de vista a dimensão da coletividade e do reconhecimento das possíveis e plurais narrativas em torno do bairro. A pergunta a ser respondida é essa: Quanta história cabe aqui?

As entrevistas dão origem ao trajeto marcando os locais e percursos que fazem parte da constução da Penha, bem como à ilustração que recria de forma gráfica sentimentos associados ao bairro. O curta-metragem surge como ferramenta de entendimento do espaço e de suas realidades através do tempo. Nesse caso, mais do que demonstrar um percurso, o curta organiza as diversas camadas de tempo do bairro. A sobreposição dos "agoras" é o que diz da história do lugar. O vídeo é organizado por temas, de forma que um tema desencadeia o outro criando uma história contínua e dinâmica narrada pelos entrevistados.

É importante observar o conflito da memória narrada e a imagem atual filmada. Em momentos pontuais do vídeo aparecem também cenas de outrora que completam as lacunas que a passagem do tempo gerou no espaço.

Há também a relação aqui/lá representada pela linha do trem. Por vezes os entrevistados falam d'aquele ou deste lado da Penha para localizar as experiências.

Além disso é notável os marcos que resistem à passagem do tempo, como o hospital, o parque e a fábrica. No imaginário que os entrevistados têm do bairro não existe uma camada de tempo ou outra, pelo contrário, todos os "agoras" existem de forma vívida e juntos formam a história da Penha.

Angelina

Tem 76 anos e morou na Penha até os 58. Nasceu em Brás de Pina, quando casou foi morar na Rua Jequiriçá e por último ocupou uma casinha térrea num terreno compartilhado na Rua  Aurora. Angelina foi casada com Gilberto, com quem começou a namorar numa tarde no Parque Ary Barroso. Os dois dividiram a casa da Rua Cuba onde tiveram seus dois filhos, Marcos e Simone. Quando jovem ía sempre às festas do Santuário da Penha, onde batizou seus filhos e sua neta, eu.

“A gente botava a cadeira na rua pra bater papo à noite com o vizinho. Você já viu isso? Hoje você não vê mais. Era o bairro né?! A gente se sentia seguro ali. Você brincava na rua! Saía você e Tuanni, novinhas, novinhas. Você imagina isso hoje?”

Gilberto

Homem autodeclarado pardo, 78 anos, ex-policial e ex-dj. Gilberto casou-se com Angelina, que havia conhecido na Penha, e os dois tiveram dois filhos. Era fã declarado do cinema São Pedro e diz que lembra "perfeitamente" de "atravessar (a linha do trem) pro lado de lá " para assistir filme com os amigos. Meu avô era o rei das festas de rua, fazia lanches elaborados toda tarde para todas as crianças da Rua Cuba, na copa do mundo pintava as calçadas e colocava rede de vôlei todo domingo pra fazer a alegria da galera. Meu avô era uma entidade do nosso quarteirão. Nosso próprio ponto turístico.

"Eu fui entregar panfletos, eu muito pequeno, fui levar panfletos nesse circo. E ai eu queria achar um jeito de ficar perto do circo. Ai arranjei um emprego e fui ser baleiro de circo. Foi uma das experiências mais legais. O circo ficava naquela Rua Flora Lobo"

Alzenira

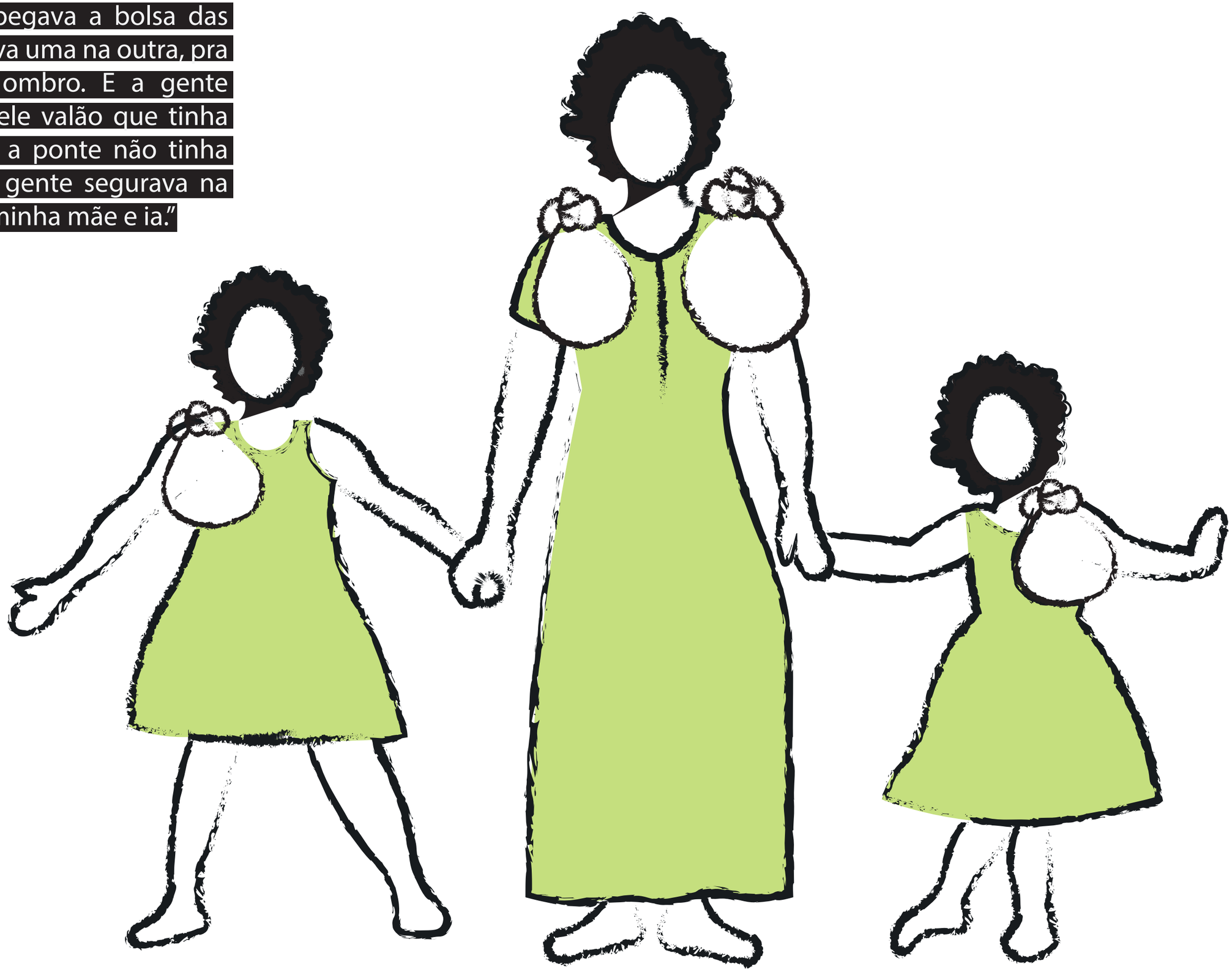
Alzenira atende pelo apelido de Tia Cenira, ou Divina, é mãe da primeira amiga que tive na minha vida, Tuanni, e melhor amiga da minha avó desde que as duas moravam na mesma calçada, apenas com apenas alguns metros de distância. Tem 67 anos e mora até hoje na Penha. É empregada doméstica aposentada e criou as duas filhas na casa que antes era da sua mãe, alí na Rua Cuba. Em 2013, Tia Cenira foi atropelada por um ônibus numa rua do bairro em que sempre morou. Ficou quase um ano sem andar e no dia que deu seu primeiro passeio em pé pediu "Tuanni, me leva na Igreja da Penha" e assim foi.

“Quando eu era criança e minha mãe faleceu o apoio que eu tinha era a igreja, sabe? Eu entrava naquelas igrejas e chorava, chorava. Depois eu saía mais leve, como se tivesse tirado tudo de ruim de dentro do peito”

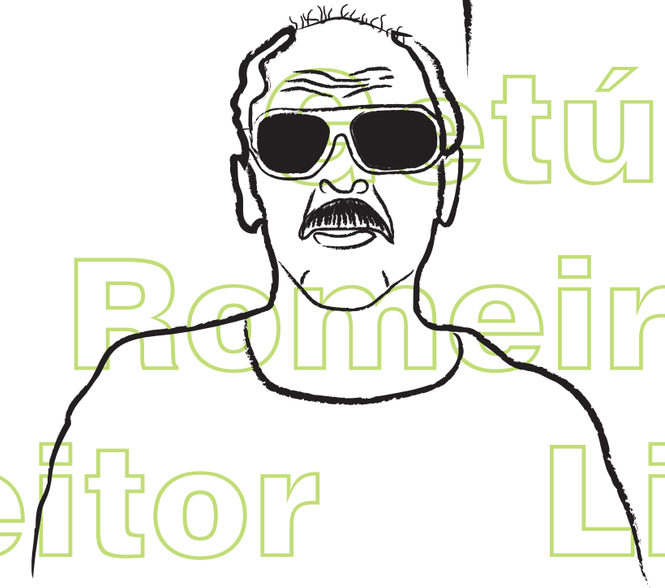
## Tuanni

Mulher preta de 31 anos. Nasceu na Rua Cuba, na Penha, se casou e foi morar em outra rua do bairro, mas no último ano voltou a morar na Rua Cuba, numa casa no terreno que é da sua mãe, a Tia Cenira. Foi ao lado da Tuanni que descobri o valor da rua. Ela, cinco anos mais velha do que eu, passava todo dia na minha casa e falava “vem comigo, mas não larga minha mão que minha mãe falou que você quebra atoa” e eu ia. No meio de uma garotada passávamos o dia inteiro fazendo, das quatro quadras permitidas pelos nossos pais, o maior parque de diversões que eu já vi na vida.

“Ai minha mãe pegava a bolsa das compras, amarrava uma na outra, pra gente levar no ombro. E a gente passava por aquele valão que tinha uma ponte. Mas a ponte não tinha corrimão não! A gente segurava na barra da saia da minha mãe e ia.”



Rua Cuba Cinema São Pedro Parque Ary Barroso Igreja da Penha Av. Brás de Pina Av. Lobo Jr. Rua Aurora Cinema Leopoldina Parque Shangai Linha do Trem Castelinho da Penha Hospital Getúlio Vargas Rua dos Romeiros DeMillus C.E. Heitor Lira Campinho Rua Jequiriçá



## *mapa de percurso de filmagens*

1. Rua Cuba - as histórias se encontram
2. Rua Cintra - 1ª casa Alzenira
3. Colégio João de Deus - Alzenira | Tuanni
4. Escola Suíça - Alzenira | Angelina
5. Praça Santa Emiliana IAPI - Tuanni
6. Rua Jequiriçá - Casa Angelina e Gilberto
7. Av. Lobo Júnior - comércio autopeças
8. Rua Montevidéu - Antigo Curtume
9. Rua Aurora - Casa Angelina e Gilberto
10. Escola Brant Horta - Alzenira
11. Rua Fortaleza, 96 - 1ª casa Gilberto
12. Rua Flora Lobo - Circo Gilberto
13. Parque Ary Barroso
14. Hospital Getúlio Vargas
15. R. E. Francisco Passos - Canal e Mercado
16. Parque Shanghai
17. Escola Nsa. Sra. da Penha - Gilberto
18. Igreja da Penha
19. Rua dos Romeiros
20. Buraco - Passagem sob trilhos

*diagrama de montagem - vídeo*

qual o sentido?

vida no subúrbio

curtume carioca

guanabara

av. brasil e brt

viaduto

demillus

buraco

rua flora lobo (circo)

parque ary barroso

hospital getulio vargas

escolas

igreja

romeiros (bonde)

capoeira (infância)

*diagrama de processo - vídeo*

- entrevistas
- Ouvir as entrevistas e selecionar as partes relevantes à presente pesquisa
- dividir os áudios em pastas de cada entrevistado
- dividir os áudios de cada entrevistado por temas
- montagem a partir dos trechos de entrevista de cada tema, de forma que um “puxe” o outro
- escolha das músicas e trechos para créditos
- criação capa e créditos iniciais
- criação capa e créditos finais

*para acessar o vídeo-pesquisa basta apontar o celular para o seguinte QR code :*

*conclusão*

Me é estranho declarar uma conclusão para a presente pesquisa porque acredito que as relações entre memória e arquitetura são muito mais complexas e vastas do que eu seria capaz de dizer em apenas algumas páginas (e um vídeo). Aqui está apenas um balanço entre o que foi proposto inicialmente e o que foi alcançado até aqui, entendendo os desdobramentos que o trabalho pode ter.

Parti da análise de que a cidade é heterogênea e composta pelas diversas camadas de tempo que se passaram e os que ainda estão por vir, e de que ela está sob o constante ataque daqueles que matam a cidade que existe em detrimento da cidade idealizada. Com os relatos construo uma história do bairro, sem descartar as outras diversas histórias. Com a cartografia afetiva mapeio a cidade através dos olhos daqueles que normalmente são excluídos do traçado histórico. Com o filme passeio pelo espaço, pelos tempos, pelos corpos e pelas realidades.

A metodologia é o meio e fim da pesquisa, ela permeia os relatos e a construção do vídeo e é ela o melhor produto desse trabalho:

Uma metodologia que busca criar ferramentas para fortalecer aqueles que vivem fora do eixo de interesse comercial e turístico. Que dá voz e valoriza a experiência daqueles que não estão nas salas dos edifícios do centro da cidade, dos que não têm a caneta na mão para, arbitrariamente, definir os rumos da cidade.

Assim, entendo que esse trabalho alcançou o que se propôs até aqui, mostrar quanta história cabe aqui.

Aqui na Penha.
Aqui no subúrbio.
Aqui nos cantos da cidade.
Aqui onde nossos espaços de lazer gratuito são escassos.
Aqui onde o asfalto não passa de uma colcha de retalhos.
Aqui onde há cultura, há sabedoria, há felicidade e há luta.
Aqui dentro de cada um que não se sente representado pela cidade-cartão postal que é pintada pro mundo.

Quanta história cabe aqui.

*Notas*

[1] Para Nora, "lugar de memória" é toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens, ou o trabalho do tempo, converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. NORA, P. Comment écrire l'historie de France? In: NORA, P. (Org.). op. cit., pp. 11-32. p. 20.
"Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica." NORA. 1993, pp. 21-22.

[2] Ateliê Integrado II é o formato adotado no 8º período da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante esse período, os alunos trabalham em regime de ateliê juntamente com professores de diversas disciplinas, todos voltados para pensar, problematizar e projetar sobre uma determinada área da cidade. No período de 2019.1 a área de intervenção do Ateliê foi a da Penha Circular.

[3] O livro escrito entre os anos de 1927 e 1940 nunca finalizado pelo autor, que suicidou-se em 1940 buscando escapar de uma emboscada nazista. A obra foi publicada em 1982, chegando no Brasil apenas em 2006.

*lista de figuras*

capa: Google Maps
imagem 01: Arquivo Nacional
imagem 02: Rua José Maurício nos anos 20 (Blog Um Coração Suburbano)
imagem 03: Vista da Igreja e bairro da Penha (Wilmore Oliveira)
imagem 04: Meus pais no jardim da casa da Rua Cuba (Acervo pessoal)
imagem 05: Meu avô Gilberto no jardim da casa da Rua Cuba (Acervo pessoal)
imagem 06: Parque Ary Barroso Grupo O Passado do Rio (Facebook)
imagem 07: Meus bisavós em uma Rua da Penha (Acervo pessoal)
imagem 08 : Meu avô Gilberto e eu com a Rua Cuba ao fundo (Acervo pessoal)
imagem 09:  Minha avó Angelina e eu no jardim da Rua Cuba (Acervo pessoal)
imagem 10 : Rua Aurora (Acervo pessoal)
imagem 11: Av. Lobo Júnior (Acervo pessoal)
imagem 12, 13, 14 e 15: Retiradas da obra Arqueologia Afetiva Urbana  - Eduardo Foresti
imagem 16: Atlas Ambulante  - Renata Marquez e Wellington Cançado
imagem 17: Atlas Ambulante  - Renata Marquez e Wellington Cançado
imagem 18: Atlas Ambulante  - Renata Marquez e Wellington Cançado
imagem 19: Atlas Ambulante  - Renata Marquez e Wellington Cançado (capa)
imagem 20: O Corpo Encantado das Ruas - Luiz Antônio Simas (pág 101)
imagem 21: O Corpo Encantado das Ruas  - Luiz Antônio Simas (pág 102 e 103)
imagem 22: O Corpo Encantado das Ruas - Luiz Antônio Simas (pág 104)
imagem 23: O Corpo Encantado das Ruas - Luiz Antônio Simas (capa)
imagem 24: Um domingo de festa da Penha em 1945 (Blog Histórias do Samba e do Choro)
imagem 25: Igreja vista de cima (Blog Histórias do Samba e do Choro)
imagem 26: Ortofoto da Penha (Google Maps)
imagem 27: Ortofoto da Penha - Ampliação (Google Maps)

imagem 28: Ortofoto da Penha - Ampliação
imagem 29: Comunicado da Imperial companhia de S. Cristóvão em 1º de outubro de 1857 (Blog Rio Antigo)
imagem 30:  Declaração do secretário Tomaz José Fernandes Macedo em 16 de outubro de 1887 (Blog Rio Antigo)
imagem 31: Matéria do jornal Diário Carioca sobre o descaso com o bairro em 1935 (Blog Memórias do subúrbio carioca)
imagem 32: Porto de Maria Angú (Orla Carioca - História e Cultura de Claudia Braga Gaspar)
imagem 33: "No porto de Maria Angu , uma criança caça mariscos a beira mar" - Jornal Nossa Terra
imagem 34: Porto de Maria Angú (Blog Memórias do subúrbio carioca)
imagem 35: O sambista Ismael Silva subindo a ladeira para a festa da Igreja da Penha (Blog Histórias do Samba e do Choro)
imagem 36: Bonde 94 via Penha (Blog Memórias do subúrbio carioca)
imagem 37: Castelinho da Penha em 1966 (Arquivo Nacional)
imagem 38: Vista do Parque Ary Barroso antes de seu gradeamento (Blog Memórias do subúrbio carioca)
imagem 39: Carrinhos de bate-bate no parque Shanghai (Blog Rio Antigo)
imagem 40: Igreja da Penha em março de 2019 (Diário do Rio Instagram)
imagem 41: Parque Shanghai em fevereiro de 2019 (Natacha Tomas)
imagem 42: Estação de trem Penha Circular (Editorial  Soul Favela)
imagem 43: Azulejos típicos das casas da Penha (Site Cidade do Rio)
imagem 44: Parque Shanghai em outubro de 2016 (Viagem de Arquiteto Instagram)
imagem 45: Colagem-corte autoral feita a partir de imagens do Google Street View

*bibliografia*


1. BERENSTEIN, P. Errâncias Urbanas. ARQTEXTO, v. 7, p. 16–27, 2005.

2. MARQUEZ, R. et al. Atlas ambulante (Walking Atlas). Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2011.

3. SIMAS, L. A. O Corpo Encantado Das Ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

4. FORESTI, E. Arqueologia Afetiva Urbana, 2011. Disponível em: <http://www.forestidesign.com/arqueologia-afetiva-urbana>. Acesso em: 17 maio. 2021

5. ASENSIO, A. Donde Habita El Pensamiento. Disponível em: <https://blogfundacion.arquia.es/2017/05/arquitectura-popular-y-memoria/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br>.

6. ROCCA, A. La Arquitectura De La Memoria. Espacio E Identidad. A Parte Rei: Revista De Filosofía, v. 37, n. 1137-8204, 2005.

7. PAZ, O. Los Hijos Del Limo : Del Romanticismo a La Vanguardia. Barcelona: Seix Barral, 1998.

8. MAESTRI, R. DE C.; MINDAL, C. B. Metodologia De História De Vida: A História De Vida Profissional De Uma Pessoa Surda. IV Seminário Internacional Sobre Profissionalização Docente. Anais...Curitiba: 2013

9. MAURÍCIO DE A ABREU. Evolução Urbana Do Rio De Janeiro. Rio De Janeiro: Ipp, Instituto Municipal De Urbanismo Pereira Passos, 2010.

10. NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al . O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. Pesqui. prát. psicossociais,  São João del-Rei ,  v. 12, n. 2, p. 466-485, ago.  2017 .  Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em  26  nov.  2021.

11. MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. Arquitectura E Política : Ensaios Para Mundos Alternativos. Tradução: Federico Bolando. Barcelona ; São Paulo: Gg, Cop, 2014.

12. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

13. SUELY ROLNIK. Cartografia Sentimental : Transformações Contemporâneas Do Desejo. Porto Alegre, Rs: Editora Sulina, 2014.

14. GOLDENBERG, M. A Arte De pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa Em Ciências Sociais. [s.l.] Record, 2011.

15.  Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M., & Barros, V. A. (2017). "Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico: Estudos Em Psicologia, 1(1). Recuperado de https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224

16. BENJAMIN, Walter. Passagens. Tradução de Irene Aron; Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

17. CLEIDE, J.; MACIEL, S. Atlas Mnemosyne E Saber Visual: Atualidade De Aby Warburg Diante Das Imagens, Mídias E Redes. Revista Ícone (ISSN 2175-215X), v. 16, n. 2, p. 191–209, 31 ago. 2018.

18. DE CAMPOS, R. R. A Natureza Do Espaço Para Milton Santos. Geografares, v. 6, 2008.

19. PINHEIR0, E.; DUARTE, C. Esquecimento E Reconstrução - Memória E Experiência Na Arquitetura Da Cidade. Arquiteturarevista, v. 4, n. 1808-5741, p. 70–86, 2008.